

Zenóbia: às sombras da colonização

Simône Gomes dos Santos*

José Rosa dos Santos Junior**

Resumo: Analisamos o conto “Zenóbia”, que faz parte da coletânea **Os melhores contos** (1994), de Lêdo Ivo, com o principal objetivo de verificarmos as configurações de gênero da personagem empregada doméstica, que mora em uma favela do Rio de Janeiro. Recorremos ao pensamento pós-colonial, especificamente às reflexões sobre a subalternidade e o silenciamento, com base nos autores Spivak (2014), Fanon (1994), Achugar (2006), dentre outros, a fim de compreendermos a dinâmica e a construção simbólica do sujeito e da sujeita subalternizada, sobretudo, na tentativa de observarmos o pensamento misógino e discriminatório, manifestado discursivamente, direcionado à mulher negra e pobre.

Palavras-chave: Pós-colonial. Silenciamento. Subalternidade.

Lêdo Ivo é um dos poetas da chamada Geração de 45. Natural de Maceió, estado do Alagoas, aos 19 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou a colaboração na imprensa carioca como jornalista e, como era comum no período, bacharelou-se em Direito. Em 1944, publicou seu primeiro livro de poesia: **As imaginações**. À obra de estreia, se seguiria intensa produção poética, com **Ode e elegia**, de 1945, e **Ode ao crepúsculo**, do ano subsequente, além de muitos outros, até **Finisterra**, de 1972.

De acordo com Santos (2014), Lêdo Ivo foi saudado e resenhado por toda a crítica de rodapé da década de 1940 e começos da seguinte, sendo nome citado em oito dos dez volumes do Diário Crítico de Sérgio Milliet. **Ode e elegia** recebeu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras e o Romance de estreia, **As alianças** (1947) ganhou o Prêmio de Romance da Fundação Graça Aranha. Dez anos mais tarde, ao livro de crônicas **A cidade e os dias** (1957) foi atribuído o Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras.

Considerando as questões principais discutidas no pensamento pós-colonial, nossa análise objetiva problematizar as configurações de gênero que se constituem no âmbito do conto “Zenóbia”, integrante do livro **Os melhores contos**, de Lêdo Ivo (1994). Mais detidamente, interessa-nos a abordagem sobre o silêncio e a submissão, a fim de discutirmos como se dão as relações entre a mulher branca e a mulher negra, sobretudo, as formações de estereótipos, enquanto um instrumento eficiente para assegurar a dominação e a construção do "outro", moduladas pela ideia das diferenças de raça e de classe.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

** Doutor em Literatura e Cultura. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET) do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Segundo Spivak (2014), as mulheres subalternizadas sofrem o que ela denomina de dupla colonização, pelo fato de serem mulheres e nascidas em uma ex-colônia. Isso nos remete a uma dupla reflexão sobre as formas de opressão sofridas pelas mulheres: na relação com o patriarcalismo, todas as mulheres são afetadas; e com o colonialismo, apenas as mulheres do chamado "Terceiro Mundo". Esta última reflexão problematiza o fato de que ser mulher, branca, heterossexual e nascida no chamado "Primeiro Mundo" é bem diferente de ser mulher, negra, homossexual, nascida em um país africano ou latino-americano.

Pretendemos, portanto, apresentar, a partir da configuração das personagens centrais do referido conto, como ocorre a dupla colonização, considerando os aspectos das mulheres do centro e da periferia, evidenciando, assim, como a colonização reforça os estigmas, sobretudo, entre as mulheres negras. Para isso, o nosso estudo está dividido em três partes: inicialmente, fazemos um breve resumo do conto. Em seguida, a análise e, por fim, apontamos possíveis desdobramentos para o estudo de gênero às sombras dos discursos colonialistas.

Em resumo, o conto aqui selecionado, possui um narrador onisciente, que inicia descrevendo as circunstâncias de vida de Zenóbia, empregada doméstica, moradora de uma favela do Rio de Janeiro. O foco narrativo se dá em torno da vida e hábitos dessa protagonista, que tem Jandira como patroa, uma mulher educada no padrão burguês. Ao admitir Zenóbia, Jandira achava que ela não daria certo em seu lar, pois era “muito porca”, mas não podia dispensá-la, pois, segundo sua opinião, estava cada vez mais difícil encontrar empregadas domésticas. Assim, os dias foram passando e, aos poucos, Jandira vai percebendo o comportamento e os atos de Zenóbia, como os pequenos furtos de cigarro e de restos de comida, que carregava numa sacola grande, ao retornar para sua casa. No entanto, Jandira fazia vistas grossas aos acontecidos.

Certo dia, Zenóbia falta o serviço. A patroa, primeiro, preocupa-se em verificar se faltava algo em sua casa, abriu armários, inspecionou desde os vestidos até as joias e os objetos do banheiro, mas tudo estava em seu devido lugar. Em segundo plano e, com um pensamento fértil e trágico, Jandira levanta hipóteses sobre o que teria acontecido com Zenóbia: “Teria morrido? Atropelada por um ônibus ou despedaçada debaixo de um trem?” (IVO, 1994, p. 91).

Uma semana depois, Zenóbia aparece no trabalho; como Jandira não conseguira outra empregada, nesse período, aceita-a. A partir disso, inicia os prejulgamentos e a construção de hipóteses, em busca de explicações para tal sumiço, como a frequente ida ao terreiro de macumba, até a possibilidade de um aborto, pois Zenóbia emagrecera muito. Porém, a empregada tivera um começo de pneumonia.

Ao pensar na possibilidade do aborto, Jandira se dá conta de que aquela “negrinha dissimulada que lhe furtava cigarros e comida [era] um ser humano dotado de fantasias, que amava e sonhava. Sim ela, amava.” (IVO, 1994, p. 91). Zenóbia confessou que tinha um caso com um motorista de taxi. Jandira continuava curiosa em saber como era o amor dos negros e pobres, que viviam como bichos nas favelas, entre ratos e montes de lixo. Zenóbia, num tom irônico e divertido, substitui a indagação, revelando um mundo longínquo e repelente, ao falar no tamanho dos ratos, que viajavam nos porões dos navios entre barras de gelo e se alimentavam de carne estocada. Jandira ouve as narrativas e pondera a ousadia da criada que, após faltar uma semana, agora lhe obriga a ouvir histórias de ratos imundos.

Jandira percebe, ao observar a relação de Zenóbia com os feirantes e entregadores, que ela tem muita intimidade com homens e, a partir de outras conversas, descobre que a empregada perdera a virgindade com doze anos. Com uma sensação de atração e repugnância teve, portanto, a certeza de que Zenóbia gozava: “aquela negrinha raquítica, conhecia o desejo e o prazer”. Jandira imagina que Zenóbia, junto aos homens “haveria de praticar o amor rumoroso e impudico dos que gemem e gritam e não do amor silencioso que se equipara a um segredo.” (IVO, 1994, p. 94).

Embora pobre, a vida de Zenóbia atraía e repelia Jandira, pois a empregada se alegrava com os ritmos de carnaval, as cantigas e as danças dos deuses, os terreiros cobertos de grinaldas e um grande cântico de fervor e alegria. Diminuída e mutilada, assim se sentia Jandira diante de Zenóbia: “os mais feios e pobres eram os mais belos e ricos, pois eles eram a vida, o amor, a alegria de existir.” (IVO, 1994, p. 94). Para eles, “viver não é caminhar, a vida era uma dança, a cópula era uma dança”. E mesmo “à noite eles dançam ao sol. Havia sol dentro das trevas.” (IVO, 1994, p. 94).

Numa conversa entre as duas. Zenóbia, curiosa, quis saber por que Jandira, há tanto tempo casada com José, não tinha filhos? A resposta foi o silêncio. Então, numa tarde de verão, Zenóbia pede as contas para morar com um homem e revela que vai cuidar da casa de um português que vende caixões. Após encher a bolsa com o resto de comida, atravessa a esquina, enquanto Jandira acompanha a criada pela janela. Uma semana depois, ela sente falta dos óculos de José.

No conto em análise, a desigualdade das relações socioculturais é evidente, configuradas através das personagens Jandira e Zenóbia, que delineiam o tema das diferenças de classe e raça. Eis como o narrador apresenta a “nova empregada” da casa de Jandira:

A nova empregada era uma negra chamada Zenóbia, que cheirava à miséria das favelas sem latrinas e banheiros, ao suor acumulado nos trens da Central e nos bondes e ônibus congestionados, as roupas sempre sujas e empoeiradas, talvez manchadas pelos vômitos das comidas estragadas e das farras nos mafuás. (IVO, 1994, p. 91).

Nessa citação, percebemos o tom e a cor do discurso, que prossegue na voz da patroa: “- Uma negra fedorenta – foi o julgamento sumário de Jandira, quando a admitiu” (IVO, 1994, p. 91). Julgamentos, animalização, negativa de humanidade: “É muito porca - dizia a José.” (p. 91). Porém, como havia dificuldade para encontrar empregada doméstica, Jandira foi tolerando Zenóbia e tentando impor novos hábitos de higiene, vestimentas, para que ela se tornasse mais apresentável em seu lar:

Mas, como as empregadas domésticas se estavam tornando cada vez mais difíceis, e era preciso tomar cuidado com as ladras, Jandira foi tolerando-a, tentando inculcar nela hábitos de limpeza. Chegou mesmo a dar-lhe alguns vestidos e as sandálias que a sua sogra lhe mandara do Nordeste eram muito frouxas para ela. Zenóbia deveria tornar-se apresentável. (IVO, 1994, p. 91).

Segundo Achugar (2006), “situar e filiar o Outro possibilita estabelecer o posicionamento de quem fala”. Isto é, “parece ser necessário demarcar seu posicionamento”. (ACHUGAR, 2006, p. 36). Esse assujeitamento ideológico, imposto, relaciona-se com o processo de colonização vivido no Brasil. Não sem a devida resistência dos povos subjugados, os colonizadores, impuseram sua cultura, bens simbólicos, como sua língua, o que se manifesta no discurso hegemônico de Próspero direcionado a Calibã, ao tentar apagar a língua deste e silenciá-lo. Por meios de recursos análogos, Jandira tenta impor os novos hábitos à Zenóbia.

Spivak (2014) denomina esse assujeitamento de violência epistêmica, cuja tática de neutralização do Outro, seja ele, subalterno, ou colonizado, consiste em invisibilizá-lo, expropriando-o de qualquer possibilidade de representação, silenciando-o. Esse silêncio, que por muitos é “relegado a uma posição secundária [...] como resto de linguagem” (ORLANDI, 2002, p. 12), para Spivak vai se configurar como silêncio que “liga o não-dizer à história e à ideologia” (ORLANDI, 2002, p. 12), ou seja, não é margem e tem implicações ruidosas sobre a vida dos sujeitos.

O sujeito subalterno, na definição de Gayatri Spivak (2014, p. 12) é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. No âmbito do conto, a subalternização é representada no âmbito dos afazeres domésticos:

- Quero tudo muito limpo!

Com seus olhos avermelhados, Zenóbia a fitava no silêncio. Talvez irônico, a gaforinha um pouco desalinhada, o beijo caído deixando ver o incisivo enegrecido. (IVO, 1994, 91).

Segundo Spivak (2014, p. 15) “o subalterno possui como condição primordial o fato de não falar, pois se fala já não o é”, ou seja, “o subalterno é falado pelos outros”. Nesse sentido, é considerado sujeito fora do lugar, fadado a ter apenas a visão do futuro projetado pela câmera do

capitalismo. A autora sustenta que essa situação de marginalidade do subalterno é mais arduamente imposta ao gênero feminino, posto que a “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2014, p.15).

Para Stuart Hall (1996), essa condição de subalterno coloca-se como a principal diferença entre os povos do Ocidente e do "resto" do mundo. No caso das mulheres, principalmente as negras, através desses mecanismos tanto de neutralização quanto de silenciamentos, foram colonizadas duas vezes, primeiro pelo patriarcado e segundo pela ação colonialista. Porém, nessa mesma esfera privada colonial, como relata Freyre (2005), estava, também, sob o domínio do patriarcado, além da mulher negra, outras categorias de mulheres: a escrava, a analfabeta e a pobre.

Em relação às categorias supracitadas, a mulher subalterna, em comparação com as mulheres brancas, ainda que exerça as mesmas atividades, há menores possibilidades de ascensão social em virtude do estigma racial. Nesse sentido, Zenóbia, vive consequências coloniais, pois se encontra às margens desse processo, “limitando-se a conviver com as mesmas privações da vida colonial, vendendo seu trabalho doméstico para conseguir seu sustento”. (SANTOS, 2001).

Ademais, durante muito tempo, devido às diferenças biológicas e sexuais, coube às mulheres a incumbência da procriação e da reprodução da espécie humana. Estabeleceu-se a divisão das funções e dos papéis sociais a serem desempenhados pelos indivíduos na sociedade: para a mulher ficou definido que, em razão da sua capacidade de gerar e nutrir, deveria, incondicionalmente, assumir para si a maternidade, que implicaria, necessariamente no casamento. Logo, estabelecia-se para as pessoas do sexo feminino uma vida destinada à reprodução; ao homem, a manutenção, a sustentação financeira, fundamentando a ordem social patriarcal.

Na experiência brasileira, o patriarcalismo está intimamente relacionado ao período colonial da nossa formação, quando predominou um modelo de organização que girava em torno da "família", marcando a expressão máxima da organização social da época. “[...] a mulher do senhor se limitava à sua vida familiar, à procriação dos filhos e aos contatos com os escravos e amas, aos parentes e, por vezes, aos padres” (D’ÁVILA NETO, 1980, p. 36). Assim, a noção de subalternidade é uma tentativa de ampliar a noção de opressão, marcando a insatisfação com o conceito de gênero, que não leva em conta questões como classe, raça e sexualidade.

Podemos identificar essa relação por meio de uma conversa entre Jandira e Zenóbia. A patroa, ao dizer que tinha muito tempo de casada, é retrucada pela empregada: “a senhora não tem filhos? É maninha” (IVO, 1994, p. 94). O narrador explica que “Era uma pergunta de mulher para mulher, e

que as coloca, de súbito, no mesmo patamar de igualdade” (IVO, 1994, p. 94). Segundo Carla Akotirene (2019), esse patamar de igualdade constitui um dos

[...] equívocos analíticos da sociedade civil e Estado toda vez que a *mulher* é tomada de modo universal. Diga-se de passagem, iniquidades de gênero nunca atingiram mulheres em intensidades e frequências análogas. Gênero inscreve o corpo racializado. Entretanto, enfoques socialistas encurtados à cantilena de classe negaram humanidades africanas, além do fato de negras serem mulheres e estupros coloniais terem-nas transformado em produtoras e reprodutoras de vidas (AKOTIRENE, 2019, p.19).

Confirma-se, assim, os estereótipos impregnados diante dos corpos, sobretudo, das mulheres negras “como a mãe preta, sobrenatural, matriarca, guerreira, que tudo aguenta e suporta”. (AKOTIRENE, 2019, p.16). Nessa mesma linha de pensamento, há o estigma da mulher negra, negada à sua posição intelectual, porém arraigada no quesito sexual, assim como Jandira imaginava Zenóbia:

Aquela negrinha raquíta, que diariamente gastava horas de sua vida indo para o emprego e voltando para casa, enfrentando ônibus e trens superlotados, e transitando num mundo de fedores e vexames, conhecia o desejo e o prazer. Jandira imaginava abrindo as pernas finas para um homem, dizendo-lhe essas palavras que talvez não deveriam ser ditas por uma mulher [...] mexendo as ancas sumárias para exercitar o macho suarento. Zenóbia devia de praticar o amor rumoroso e impudico do que gemem e gritam, e não o amor silencioso que se equipara a um segredo. (IVO, 1994, p. 94).

Para Fanon (2008), essa hiperssexualização do negro, poderia chegar ao ponto de ser vista como uma ameaça ao branco, devido a este ter um sentimento de impotência e inferioridade sexual, embora seja uma mera construção errônea feita pela própria sociedade dominante:

Diante da empregada negra, Jandira se sentira diminuída e mutilada, como se sua vida fosse apenas a metade de si mesma. A outra metade fora sacrificada pelo tempo, não constituía mais o seu legado nem a sua oferenda. Assim, os mais feios e pobres eram os mais belos e ricos. Nas favelas, nos terreiros de macumba, descendo as avenidas nas escolas de samba, jogando flores no mar crepitante para festejar os deuses que tinham vindo da África no fundo de seus corações ofendidos de suas memórias humilhadas, eles exibiam a herança incomparável que os resgatava do esquecimento e da morte. Eles eram a vida, o amor, a alegria de existir. Para eles, viver não era caminhar. A vida era uma dança. Mesmo à noite eles dançavam sob o sol. Havia um sol dentro das trevas. (IVO, 1994, p. 94).

Dessa forma, aos sujeitos negros é negado o reconhecimento de suas capacidades intelectuais, de serem cognoscentes. Porém, são considerados como “os pobres mais belos e ricos” (IVO, 1994, p. 94), por terem uma cultura que não se abala com o tempo, por serem donos de uma contagiante alegria guiada por ritmos envolventes, que repelem e atraem: era “este universo oculto e envolvente que

sujava o ambiente de Jandira, todas as vezes que Zenóbia transpunha a porta da cozinha, entoando cânticos de fervor e alegria.” (IVO, 1994, p. 94).

A branquitude que envolve os pensamentos de Jandira pode ser percebida pela comparação que ela faz entre o rato e gelo, no momento em que Zenóbia narra como os ratos são imensos e como eles se alimentam. Em silêncio, e com pensamento de negação, Jandira imagina o rato “conspurcando a pureza do gelo cândido como a neve, um gelo branco virginal” (IVO, 1994, p. 90). Assim, conforme o pensamento de Jandira, nessa representação, por meio de operações metafóricas, o rato corresponde ao negro voltado para a sujidade, vítima de acusações, sobretudo, de furtos e roubos, e o gelo representa o branco como o ser puro.

A despeito dessa pretensa superioridade das pessoas brancas, podemos chamar de resistência da protagonista a sua decisão de não mais trabalhar com Jandira: “com ar que se mesclavam modéstia e triunfo” Zenóbia, comunica à Jandira que “vai parar de trabalhar para viver com um homem. [...] como se esperasse a indagação da patroa a respeito da cor da pele do novo companheiro, acrescentou: - Ele é português, [...] Ele vende caixão de defunto”. (IVO, 1994, p. 96).

Sobre essa problemática, no segundo capítulo de *Peles negras, máscaras brancas*, Fanon (2008) se debruça sobre a complexa simbologia de dependência da mulher de cor em relação ao homem branco e afirma que esse simbólico relacionamento de dependência está relacionado a uma das heranças do processo colonial que fez com que a mulher negra nutrisse, por muito tempo, o grande sonho de casar-se com homem branco e europeu:

O grande sonho que as assombra é casar-se com um branco da Europa. Pode-se dizer que todos os seus esforços têm em vista este objetivo, que quase nunca é atingido. A necessidade de gesticulação exagerada, elas precisam de um homem branco, todo branco, e nada mais do que isso. Quase todas esperam durante toda a vida, esta boa e improvável sorte (FANON, 2008, p. 64-65).

De acordo com esse pensamento, Fanon (2008, p. 16) ainda argumenta que:

A maioria dos negros está obcecada em ‘fixar-se’. Esta obsessão é resultado da impotência social. Não conseguindo exercer um impacto sobre o mundo social, eles se voltam para dentro de si mesmos. O principal problema desta atitude está na contradição em buscar a liberdade escondendo-se dela. A liberdade requer visibilidade, mas, para que isto aconteça, faz-se necessário um mundo de outros.

Essa complexa rede, nas tramas da narrativa, pode ser observada quando, mesmo com a demissão “a pedido” de Zenóbia, as insistentes tentativas de criminalização do corpo negro não cessam. Veja-se que, “Na semana seguinte, Jandira deu por falta dos óculos escuros de José. Teriam sido perdidos na praia? Ou a festeira Zenóbia os levara, como um presente destinado à sua aliança

com o papa-defunto?” (IVO, 1994, p.96). Dessa forma, podemos afirmar que os discursos estereotipados da branquitude reforçam os estigmas sociais, que se empenham em construir um modelo de representação das mulheres negras.

A partir da personagem Zenóbia, torna-se evidente que o discurso colonial ainda se faz presente nas relações sociais, sobretudo, no âmbito das relações de poder entre as mulheres situadas, ainda que problematicamente, no centro e na periferia, o que permite a ocorrência da dupla tentativa contemporânea de colonização, que se dá através dos processos de silenciamento e de submissão.

No conto destacado, apontamos, portanto, possíveis desdobramentos para o estudo de gênero, sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais, pois ampliam a discussão sobre questões fundamentais para o entendimento do sujeito pós-colonial feminino, esse sujeito que é constituído como o "Outro. Assim, questionam-se os estereótipos que reforçam práticas discriminatórias direcionadas aos corpos negros.

Referências

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

D'AVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher**: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

FANON, Frantz. A mulher de cor e o branco. *In*: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2005.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 24, 1996.

IVO, Lêdo. **Os melhores contos de Lêdo Ivo**. Seleção e prefácio Afrânio Coutinho. São Paulo: Global, 1994.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

SANTOS, Wladimir Saldanha dos. **Exato oceano**: a escrita de Lêdo Ivo, da geração de 45 à metapoética da água. 2014. 322 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Helio. **A busca de um caminho para o Brasil**: a trilha do círculo vicioso. São Paulo: Editora Senac, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Zenóbia: in the shadows of colonization

Abstract: This article aims to analyze the short story “Zenóbia”, which is part of the collection **The best stories** (1994), by Lêdo Ivo. Our proposal is built on the approach to the issue of gender based on Post-Colonialism. Our main objective is to analyze the gender configurations of a poor black maid who lives in a favela in Rio de Janeiro. We resorted to postcolonial thinking, specifically to reflections on subalternity and silencing. For this, we will base ourselves on the authors Spivak (2014), Fanon (1994), Achugar (2006), among others, in order to understand the dynamics and symbolic construction of the subject and the subordinate subject, above all, in an attempt to observe the thought misogynist and discriminatory, manifested discursively, directed at poor black women.

Keywords: Postcolonial. Silencing. Subalternity.

Recebido em: 13/09/2021 – Aceito em: 15/02/2022